



## A DESINFORMAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

**Resumo:** Esta pesquisa teve por objetivo evidenciar como a desinformação corrobora com o acontecimento da violência obstétrica. Revisão integrativa que analisou 18 artigos na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e Google scholar e foram utilizados como critérios de seleção: artigos publicados nos últimos 5 anos, disponíveis na íntegra e nos idiomas: Português, Inglês e Espanhol. Foram excluídos estudos de revisão integrativa e os artigos sem concordância objetiva e direta com o tema. A falta de conhecimento, a falta de humanização na assistência ao parto e a falha no acolhimento à gestante são as principais contribuintes para que a violência obstétrica ocorra. É necessário que a mulher seja instruída sobre seus direitos como gestante, parturiente e puérpera para que se torne sujeito ativo no que diz respeito ao período perinatal.

Descritores: Assistência ao Parto no Brasil, Desinformação, Violência em Parturientes, Violência Obstétrica.

### Disinformation and its relationship with obstetric violence: an integrative review

**Abstract:** This research aimed to show how misinformation corroborates the occurrence of obstetric violence. Integrative review that analyzed 18 articles in the database of the Virtual Health Library and Google Scholar and were used as selection criteria: articles published in the last 5 years, available in full and in the languages: Portuguese, English and Spanish. Integrative review studies and articles without objective and direct agreement with the topic were excluded. Lack of knowledge, lack of humanization in childbirth care, and failure to welcome pregnant women are the main contributors to obstetric violence occurring. It is necessary that the woman is instructed about her rights as a pregnant woman, parturient and postpartum woman so that she becomes an active subject with regard to the perinatal period.

Descriptors: Childbirth Care in Brazil, Disinformation, Violence in Parturients, Obstetric Violence.

### La desinformación y su relación con la violencia obstétrica: una revisión integradora

**Resumen:** Esta investigación tuvo como objetivo mostrar cómo la desinformación corrobora la ocurrencia de violencia obstétrica. Revisión integradora que analizó 18 artículos de la base de datos de la Biblioteca Virtual en Salud y Google Scholar y se utilizaron como criterio de selección: artículos publicados en los últimos 5 años, disponibles íntegramente y en los idiomas: portugués, inglés y español. Se excluyeron los estudios de revisión integradora y los artículos sin un acuerdo objetivo y directo con el tema. La falta de conocimiento, la falta de humanización en la atención del parto y la falta de acogida de mujeres embarazadas son los principales factores que contribuyen a que se produzca la violencia obstétrica. Es necesario que la mujer sea educada sobre sus derechos como mujer embarazada, parturienta y posparto para que pueda convertirse en un sujeto activo con respecto al período perinatal.

Descriptores: Atención al Parto en Brasil, Desinformación, Violencia en Parturientas, Violencia Obstétrica.

#### Gibson Souza

Acadêmico da Universidade Anhembi Morumbi / São Paulo.  
E-mail: [souzasg6@gmail.com](mailto:souzasg6@gmail.com)

#### Jessica Silva Queiroz

Acadêmica da Universidade Anhembi Morumbi / São Paulo.  
E-mail: [jessicaqueiroz@hotmail.com](mailto:jessicaqueiroz@hotmail.com)

#### Laísa Matos da Rocha Costa

Acadêmica da Universidade Anhembi Morumbi / São Paulo.  
E-mail: [laisamatos15.99@gmail.com](mailto:laisamatos15.99@gmail.com)

#### Solange de Carvalho Santana

Acadêmica da Universidade Anhembi Morumbi / São Paulo.  
E-mail: [s.carvalho.santana@gmail.com](mailto:s.carvalho.santana@gmail.com)

#### Janize Silva Maia

Enfermeira Obstetra. Doutora em Ciências da Saúde. Mestre em Educação. Docente na Universidade Anhembi Morumbi.  
E-mail: [janizecs@yahoo.com.br](mailto:janizecs@yahoo.com.br)

Submissão: 06/12/2020  
Aprovação: 20/03/2021  
Publicação: 11/06/2021



#### Como citar este artigo:

Souza G, Queiroz JS, Costa LMR, Santana SC, Maia JS. A desinformação e sua relação com a violência obstétrica: uma revisão integrativa. São Paulo: Rev Remecs. 2021; 6(10):18-25.

DOI: <http://doi.org/10.24281/rremecs2021.6.10.18-25>

## Introdução

Durante muitos anos houve uma ocultação sobre a violência e seus diversos e amplos exemplos. A violência é um grave problema social e, em cenários de representações de atos violentos<sup>(1)</sup>, compreendida e definida por qualquer ato que interfira na integridade moral, física ou psicológica do ser humano.

Quando se trata de violência, o sexo mais atingido é o feminino e a violência de gênero, alimentada injustamente com base em relações de poder onde se entretêm as categorias de gênero e na ideologia patriarcal que dá aos homens a ideia de livre repressão e domínio sobre as mulheres, realidade persistente mediante de grande desenvolvimento e modernidade da sociedade, prendendo a mulher ao paradigma de submissão<sup>(2)</sup>.

Diante do contexto de violência contra a mulher, está a violência obstétrica, definida como qualquer conduta realizada por profissionais da saúde que desrespeite o corpo e os processos reprodutivos das mulheres, sendo empreendido a partir da medicalização, assistência ineficaz, abusiva e com ações intervencionistas, assim como a mudança patológica da fisiologia durante parturição<sup>(3)</sup>.

Uma pesquisa eletrônica realizada pela Universidade de São Paulo (USP), com 1626 mulheres evidenciou inferioridade, vulnerabilidade e insegurança da maioria das parturientes e sensação de exposição e falta de privacidade para 49,8%, fortalecendo uma relação direta entre a violência, a idade, a escolaridade e a renda familiar, efetivando a percepção de que intervenções prescindíveis são executadas em como uma inautêntica impressão de

que, quanto maior for a intervenção, maior será o cuidado<sup>(4)</sup>.

Parte dos profissionais de saúde naturalizam a violência obstétrica e a praticam de forma rotineira. Entretanto, as puérperas em trabalho de parto e parto não questionam e não se opõe, por medo, autocracia ou por encontrarem-se em um momento único: o seu parto. Após o epílogo do processo de parturição, a felicidade se torna contagiante e as agressões físicas e psicológicas são esquecidas<sup>(5)</sup>.

A falta de informação e o receio em questionar sobre os processos que serão realizados no processo do trabalho é um fator preeminente entre as puérperas, situação que pode surtir num conformismo da exploração de seus corpos por diversos profissionais, assentindo e aceitando passivamente, múltiplas situações desagradáveis<sup>(1)</sup>.

O despreparo de profissionais de assistência ao parto e a deficiência de conhecimento das puérperas no assunto pode contribuir com a ocorrência de violência obstétrica<sup>(6)</sup>, razão pela qual este estudo tem como objetivo, evidenciar como a desinformação pode favorecer a ocorrência da violência obstétrica.

## Material e Método

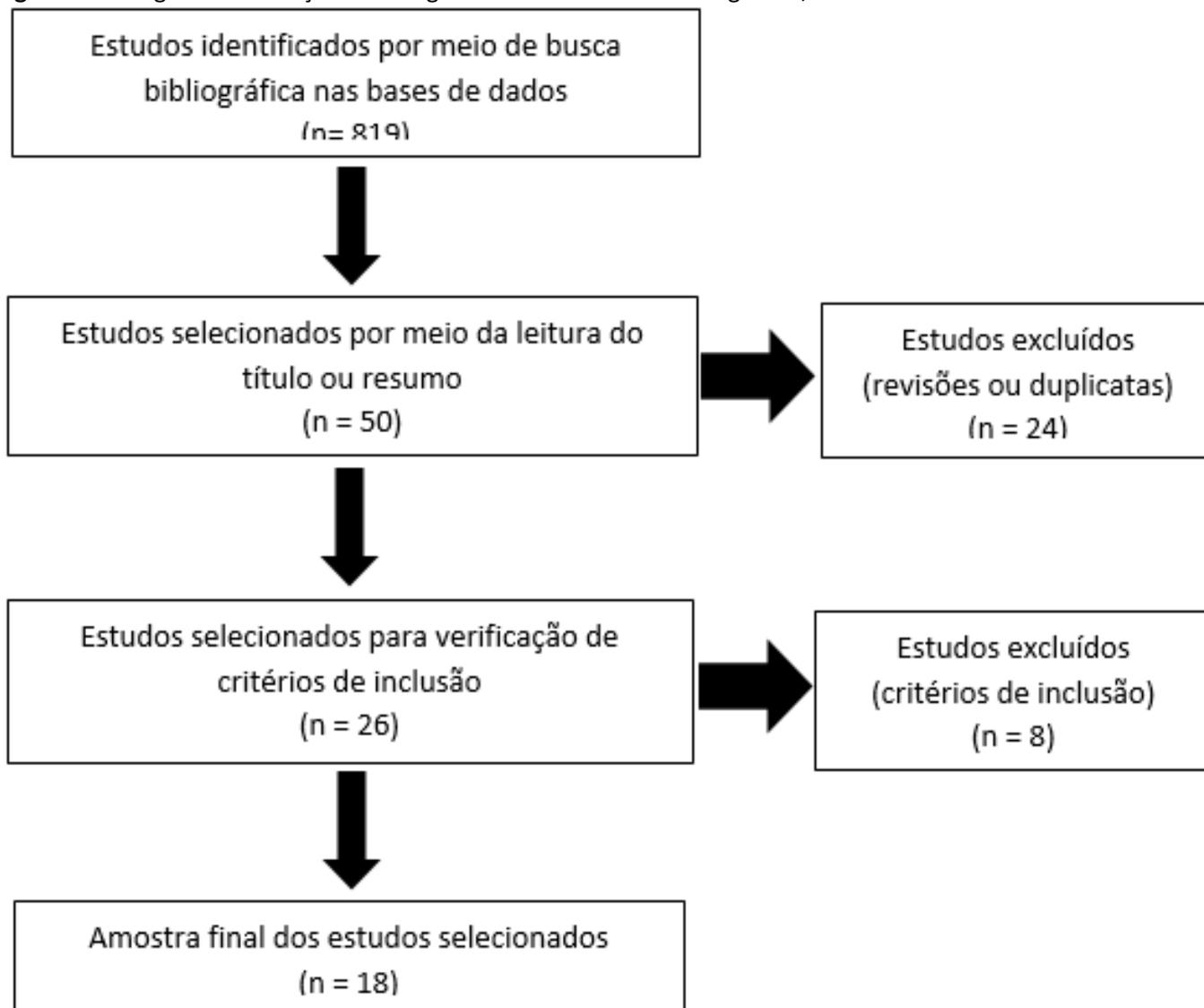
Tratou-se de uma revisão narrativa da literatura científica, permitindo a identificação de fatores que puderam contribuir para o conhecimento nas pesquisas disponíveis sobre a violência obstétrica.

As buscas bibliográficas foram realizadas através da consulta na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de seleção dos artigos foram: artigos publicados nos últimos 5 anos, disponíveis na íntegra e nos idiomas: Português, Inglês e Espanhol. Foram excluídos estudos de revisão integrativa e os artigos sem concordância objetiva e

direta com o tema, priorizando estudos exploratórios descritivos, estudos qualitativos e quantitativos, a partir das palavras-chave: violência obstétrica;

violência em parturientes; assistência ao parto no Brasil; desinformação; saúde pública e enfermagem.

**Figura 1.** Fluxograma da seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa, 2020.



Os artigos foram classificados por conformidade com os objetivos e temas de estudo e categorizados como: violência obstétrica, desinformação e violência na assistência ao parto.

## Resultados

Os estudos selecionados estão sintetizados no quadro 1, conforme ano de publicação, autoria, método, considerações do estudo e evidências da violência obstétrica favorecida pela desinformação.

**Quadro 1.** Integração das referências que contribuem para a compreensão da violência obstétrica na sociedade, proporcionadas pela desinformação. Fonte de autoria. Brasil, São Paulo, 2020.

Título do Estudo	Autor / Ano	Base de Dados	Método	Objetivo	Considerações do Estudo	Evidências de VO Favorecida Proporcionada pela Desinformação
A episiotomia e o “ponto do marido” como símbolos da violência obstétrica e violadores de direitos fundamentais das mulheres.	Guterres, Chagas, Werner, 2017	Google Scholar	Estudo dedutivo.	Analisar a episiotomia e o “ponto do marido” como práticas violadoras de inúmeros direitos fundamentais das mulheres, e as consequências que esses procedimentos acarretam no corpo e na vida daquelas.	O estudo possibilita identificar a episiotomia como um ato desnecessário e classifica-la como uma prática de violência obstétrica, já que a mesma infringe direitos fundamentais das mulheres e provoca danos físicos e psicológicos.	Uso da episiotomia sem consentimento e conhecimento da puérpera.
Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto.	Nascimento, Mesquita, Andrade, Costa, Palmarella, 2019	BDEF	Estudo qualitativo descritivo	Averiguar o conhecimento de mulheres sobre a violência a violência obstétrica e verificar as formas de violência obstétrica vivenciadas por mulheres durante o processo de parturição.	Observou-se que, embora muitas entrevistadas tenham negado conhecer a expressão violência obstétrica, durante o relato de como ocorreu o trabalho de parto e no parto foi possível a identificação de várias situações que caracterizam este tipo de violência.	Falta de conhecimento da mulher sobre seus direitos sexuais e reprodutivos;
Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem.	Ribeiro, Oliveira, Elias, Oliveira, 2020	BDEF	Estudo qualitativo	Compreender o significado da violência obstétrica para mulheres.	O estudo revelou a escassez de instruções à gestante recebidas durante todo o pré-natal até o puerpério, por parte da equipe de enfermagem, assim como a carência de informações divulgadas no município por vias de informações formais.	Falta de informação à gestante de que ela tem o direito de escolher o tipo de parto.
Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero.	Vigano, Laffin, 2019	Google Scholar	Estudo qualitativo	Demonstrar como tais políticas se constroem, se engendram ou se articulam por meio de direitos assegurados ao longo da história.	O estudo permitiu compreender as violências contra as mulheres como violações dos direitos humanos.	Não reconhecimento da VO.
O saber de puérperas sobre violência obstétrica.	Silva, Viana, Amorim, Veras, et al, 2019	BDEF	Estudo exploratório qualitativo descritivo	Analisar os saberes de puérperas sobre a violência obstétrica.	Emergiram-se, a partir das falas das participantes, três categorias analíticas, a saber: “(Des) Conhecimento de puérperas sobre violência obstétrica”; “Experiência da violência obstétrica no parto” e “Estratégias de prevenção da violência obstétrica”.	Intervenções realizadas com grosseria pelos profissionais de saúde; Percepção de impaciência e desrespeito durante os atendimentos realizados por profissionais da área da saúde.
Para além da maternidade: As configurações do desejo na mulher contemporânea.	Braga, Miranda, Veríssimo, 2018	Google Scholar	Estudo de pesquisa bibliográfica.	Compreender o lugar da maternidade no desejo da mulher contemporânea.	O presente estudo aponta que o desejo de maternidade como único e exclusivo representante da feminilidade, é atualmente insuficiente, já que nem todas as mulheres desejam ter filhos.	Não reconhecimento da VO.

Percepção das mulheres sobre violência obstétrica.	Oliveira, Costa, Monte, Veras, Sá, 2017	BDEF	Estudo descritivo, exploratório qualitativo	Caracterizar a violência obstétrica vivenciada pelas mulheres durante o processo partitivo.	A violência obstétrica foi caracterizada e identificada em diversos atos dos profissionais com as puérperas, entre eles, negligência na assistência e agressões verbais.	Falta de informação sobre os procedimentos a serem realizados; Agressão verbal e não verbal na assistência.
Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: a dor que querem calar.	Teixeira; Antunes; Duamarde; Velloso; Faria; Oliveira, 2020	BDEF	Estudo qualitativo	Identificar o conhecimento das parturientes sobre violência obstétrica, levantar se conseguem identificar as principais ações presentes na violência obstétrica, detectar os impactos físicos e psicológicos da violência obstétrica.	As mulheres possuem um conhecimento limitado acerca de violência obstétrica, associando à mesma uma forma de violência física e verbal.	Intervenções realizadas de forma bruta e agressiva; Ausência de informações sobre o procedimento a ser realizado; Realização de grosserias e ameaças à parturiente durante os atendimentos realizados por profissionais da área da saúde.
Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica.	Leal; Lima; Silva; Soares; Santana; Pereira, 2019	BDEF	Estudo exploratório qualitativo	Conhecer a percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica.	Os relatos das enfermeiras obstétricas apontam que a falta de conhecimento, por parte das parturientes, as expõe a situações de violência obstétrica, ocasionando repercussões de cunho físico, psicológico e emocional.	Não reconhecimento da VO
Percepção dos médicos sobre a violência obstétrica na sutil dimensão da relação humana e médico-paciente.	Sens; Stamm, 2019	LILACS	Estudo qualitativo	Identificar a percepção médica sobre violência obstétrica.	A violência obstétrica percebida pelos obstetras é sutil e subjetiva, englobando diferentes aspectos do ato em saúde, dos encontros entre agentes e das possibilidades de expressão, necessitando reflexão e disponibilidade dos envolvidos para seu entendimento mais profundo.	Médicos com anos de experiência, porém apresentam dificuldade em lidar com questionamentos de novas pacientes sobre o parto. Agressão verbal e não verbal no atendimento. Pacientes são consideradas inconvenientes e o profissional apresenta dificuldade em sustentar o respeito à autonomia.
Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas.	Oliveira, Mercedes, 2017	BDEF	Estudo descritivo qualitativo	Conhecer a percepção das puérperas no tocante às violências obstétricas.	O estudo possibilitou evidenciar o desconhecimento das puérperas em relação ao conceito das violências obstétricas, cujas definições se restringiram aos atos de caráter psicológico, físico, sexual e de negligência.	Conhecimento restrito e equivocado sobre a VO
Violência contra a mulher à partir das teorias de gênero.	Santos, Moreira, Fonseca, Gomes, et al, 2019	Google Scholar	Estudo bibliográfico qualitativo	Analisar como as construções históricas e sociais sobre o gênero influenciam na violência contra as mulheres.	A pesquisa possibilitou apontar que as construções históricas e sociais sobre o gênero influenciam na violência contra a mulher.	Não reconhecimento da VO.
Violência obstétrica em mulheres brasileiras.	Palma, Donelli, 2017	LILACS	Estudo quantitativo	Verificar a ocorrência de violência obstétrica em mulheres brasileiras.	Grande parte das gestantes se sentiram inseguras, vulneráveis e expostas durante o parto, além de se sentirem com medo de questionarem algum procedimento ao profissional e não	Ausência de informações sobre os procedimentos que foram realizados nelas.

					receberem uma resposta ou receberem de forma grosseira e desrespeitosa.	
Violência obstétrica na percepção de puérperas.	Pascoal, Figueiras, Carvalho, et al, 2020	LILACS	Estudo de campo, descritivo quantitativo	Analisar a percepção de puérperas a respeito da violência obstétrica em uma maternidade de um município paraibano.	Grande maioria das entrevistadas desconhecem o que é violência obstétrica e não recebem informações a respeito nas consultas de pré natal.	Falta de informação e orientação à gestante no pré natal.
Violência obstétrica na perspectiva dos profissionais de enfermagem envolvidos na assistência ao parto.	Alexandria, Oliveira, Martins, Bessa, et al, 2019	IB ECS	Estudo Qualitativo	Avaliar o conhecimento dos profissionais de enfermagem envolvidos na assistência ao parto sobre violência obstétrica	Os profissionais de enfermagem possuem conhecimentos sobre o que é violência obstétrica e a reconhecem em suas práticas.	Falta de assistência; Realização de manobras inadequadas; Desinformação da equipe de enfermagem.
Violência obstétrica: percepções acerca do parto normal.	Medeiros, Martins, Camboim, Palmeira, 2016	Google Scholar	Estudo descritivo quantitativo	Identificar a experiência de mulheres primíparas diante de possíveis casos de violência obstétrica no parto normal.	As mulheres relatam não terem sofrido violência obstétrica, e a queixa presente foi a do toque vaginal e a falta de acompanhante durante o parto.	Falta de conhecimento sobre os direitos em hora de parto; Falta de humanização na assistência à puérpera.
Violência obstétrica sob o olhar das usuárias.	Silva, Lucena, Deininger, Martins, et al, 2016	BDEFN	Estudo descritivo, exploratório qualitativo	Investigar o conhecimento das mulheres acerca da violência obstétrica.	É notório o sofrimento das mulheres na hora do parto por falta de humanização no processo assistencial.	Falta de humanização durante o parto; Falta de conhecimento sobre os próprios direitos.
Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes.	Oliveira, Rocha, Arrais, Alves, et al, 2019	LILACS	Estudo qualitativo	Analisar as experiências de trabalho de parto e parto de mulheres que sofreram violência obstétrica	As mulheres sentiram medo, insegurança e ficaram de fato assustadas em estar no ambiente da maternidade, mas não souberam identificar ao certo o que é violência obstétrica e de que forma sofreram essa violência.	Escassez e falha no acolhimento à gestante; Falta de humanização no atendimento ocasionando medo e insegurança em ambiente de maternidade.

A integração da literatura selecionada permite inferir que a falta de conhecimento, a falta de humanização na assistência ao parto e a falha no acolhimento à gestante, são os principais fatores contribuintes para a ocorrência de violência obstétrica.

## Discussão

A violência contra a mulher acontece em grande escala no Brasil, mas é mascarada aos olhos da sociedade, isto é o que evidencia um relatório do Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEVUSP), já que no ano de 2017 cerca de 12 mulheres foram

assassinadas por dia, totalizando 4.473 homicídios femininos naquele ano<sup>7</sup>.

Dentro deste contexto, entende-se que mulher enfrenta e sempre enfrentou dificuldades para conseguir seu lugar em evidência dentro da sociedade, pois, o homem sempre esteve em uma posição de superioridade em relação ao sexo feminino. Isso ocorre desde o colonialismo no Brasil e com a predominância do patriarcado na época, essa falsa superioridade masculina respaldava agressões físicas, verbais e até homicídios, tornando a mulher desta forma,

submissa as suas vontades e reforçando essa crença de superioridade<sup>8</sup>.

E mesmo dentro da maternidade, algo biológico praticamente de inteira responsabilidade feminina, ela continua sendo submissa ao desejo do homem, uma vez que, existe a necessidade de material genético masculino para que a fecundação ocorra, apesar de que as transformações acontecem em sua totalidade no corpo da mulher<sup>9</sup>.

Um exemplo de submissão da maternidade ao desejo do homem, é o famoso ponto do marido: um ponto desnecessário realizado durante a episiorrafia, uma incisão na vagina para ajudar o feto a passar pela vagina para que a mulher, após o período de quarentena, volte a vida sexual ativa com a vagina estreita para proporcionar bem-estar sexual ao seu parceiro, conduta considerada violenta contra o corpo da mulher durante o período perinatal<sup>10</sup>.

A violência obstétrica trata-se de um problema social que ocorre cotidianamente entre os serviços de saúde, presente em comunidades e países de todo o mundo, caracterizada como qualquer situação que contrarie o desejo da gestante, parturiente ou puérpera em seu processo reprodutivo, ações desumanizadas, abuso de ações intervencionistas e uso da medicalização desnecessária<sup>11</sup>.

Somado a estes estão os abusos verbais, a violência física exemplificada na manobra de Kristeller, realizada a partir de uma pressão na parte superior do útero, forçando desta forma, a saída do bebê, a ausência de consentimento para realização de procedimentos, tais como episiotomia e episiorrafia), a recusa na administração de analgesia, a falta de privacidade durante parto, a negligência durante trabalho de parto e parto, que ocasiona

intercorrências evitáveis, o uso da ocitocina sintética como forma de acelerar o parto e restrição à escolha e permanência de acompanhante durante trabalho de parto<sup>10,3</sup>.

Outras ações como, restrição da posição da gestante em decúbito lateral esquerdo, sabendo que a mulher tem direito a escolher sua posição, impedimento da deambulação, que por sua vez reduz o tempo do trabalho de parto, suprimindo a necessidade de analgesia, restrição da ingestão hídrica e alimentar realização de exames de toque excessivos, também retratam agressões contra a gestante, parturiente e puérpera, possibilitando prejuízos patológicos para a experiência da mulher em ser mãe e em sua percepção quanto a maternidade<sup>11,3</sup>.

Ressalta-se que a violência obstétrica acontece dentro dos serviços de saúde, local em que a gestante deveria sentir-se segura e acolhida durante o momento do pré-natal, parte extremamente importante e crucial para a saúde do feto e da gestante e, que além de prejuízos psicológicos, a sua ocorrência pode ocasionar evasão da gestante ao serviço de saúde<sup>3</sup>.

Logo, torna-se essencial que ocorram cada vez mais discussões acerca do tema violência obstétrica, tanto com o objetivo de capacitar profissionais da saúde e despertar interesse por parte dos mesmos nesta busca contínua de aprendizado, com finalidade de melhoria do serviço prestado e atenuar a incidência da violência obstétrica, quanto com o intuito de informar a gestante, parturiente e puérpera dos seus direitos, para que desta forma, a mulher torne-se cada vez mais integrada dentro do processo gestacional que ocorre em seu corpo, atenuando

também a ocorrência de violência obstétrica. Portanto, é necessário que haja investimento em conhecimento para ambos, profissionais e gestantes, pois somente com o repasse de conhecimento será possível tornar a assistência dos serviços de saúde à gestante algo cada vez mais humanizado<sup>12</sup>.

## Conclusão

Muitas são as evidências das situações de violência obstétrica decorrentes da desinformação. Sabendo que a violência obstétrica se manifesta desde a omissão de informações até a realização de procedimentos intervencionistas desnecessários, a passividade da mulher durante a gestação, parto e puerpério torna-se uma característica que reafirma aversão ao protagonismo, perpetuando o estigma social da submissão feminina aos desejos do outro, neste caso, dos profissionais da saúde.

É necessária a adoção de medidas que proporcionem a gestante, parturiente e puérpera voz e ação, para que a mulher transforme em um sujeito ativo, detentor do conhecimento sobre todos os aspectos que envolvem o período perinatal. O momento das consultas de pré-natal pode ser extremamente útil para esta ação, contribuindo para a uma assistência de qualidade, respeito e dignidade.

## Referências

1. Silva FC, Viana MRP, Amorim FCM, Veras JMMF, Castro SR, Lopes LS. O saber de puérperas sobre violência obstétrica. *Rev Enferm UFPE Online*. 2019; 13(4):1-6.

2. Lins RVS, Tavares LDK, Chaves DSL, Martins SMDV, Cunha MCA, Melo RAM. Violência obstétrica sob o olhar das usuárias. *Rev Enferm UFPE Online*. 2016; 10(12):1-7.

3. Teixeira PC, Antunes LS, Velloso V, Faria GPG, Oliveira TS. Percepção das mulheres sobre violência obstétrica: a dor que querem calar. *Rev Nursing*. 2015; 23(261):1-8.

4. Coelho CP, Donelli TMS. Violência obstétrica em mulheres brasileiras. *Rev Psico*. 2017; 48(3):1-15.

5. Ribeiro TO, Lira REOC, Lima NM, Feitosa VMMJ, Mendes MIRS. Percepção das mulheres sobre violência obstétrica. *Rev Enferm UFPE Online*. 2017; 11(1):1-7.

6. Teles OSA, Santos MS, Alves SM, Misrelma BMM, Alencar GA, Ramos SMD. Violência obstétrica na perspectiva dos profissionais de enfermagem envolvidos na assistência ao parto. *Rev Cultura Cuidados*. 2019; 23(53):1-10.

7. Santos MSO, Rocha CSV, Siqueira TMNA, Alves MS, Marques AA, Oliveira DR, et al. Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. *Rev ABCS Health Sci*. 2019; 44(2):114-119.

8. Vigano SMM, Laffin MHLF. Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. *Print Version*. 2019; 38(4): 1-18.

9. Braga RC, Miranda LHA, Correio JPCV. Para além da maternidade: As configurações do Desejo na mulher Contemporânea. *Pretextos Rev Grad Psic PUC Minas*. 2018; 3:1-18.

10. Guetterres IB, Chargas JLW, Cardoso PW. A episiotomia e o “ponto do marido” como símbolos da violência obstétrica e violadores de direitos fundamentais das mulheres. *Rev Fadisma* 2018; 14(3):1-11.

11. Nascimento LM, Mesquita VMMP, Santos NA, Costa MJ, Silva ML, Palmarella RPV. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. *Rev Revenf*. 2019; 37(3):1-14.